



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA – CESP
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

SANDRA FERREIRA DOS SANTOS

**AS MULHERES DE MARIA FIRMINA DOS REIS: A VALORIZAÇÃO DA
IDENTIDADE FEMININA EM “ÚRSULA”**

PRESIDENTE DUTRA

2019

SANDRA FERREIRA DOS SANTOS

AS MULHERES DE MARIA FIRMINA DOS REIS: a valorização da identidade feminina em “Úrsula”

Monografia apresentada ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Esp. Antonia Karine do Nascimento Rosendo.

Presidente Dutra

2019

Santos, Sandra Ferreira dos.

As mulheres de Maria Firmina dos Reis: a valorização da identidade feminina em “Úrsula” / Sandra Ferreira dos Santos. – Presidente Dutra, 2019.

... f

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador: Profa. Esp. Antonia Karine do Nascimento Rosendo.

1.Autoria feminina. 2.Úrsula. 3.Mulher. 4.Feminismo. 5.Valorização.
I.Título

CDU: 821.134.3(812.1).09

SANDRA FERREIRA DOS SANTOS

**AS MULHERES DE MARIA FIRMINA DOS REIS: A VALORIZAÇÃO DA
IDENTIDADE FEMININA EM “ÚRSULA”**

Monografia apresentada junto ao curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para obtenção de grau de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Aprovado em: ____/____/2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA

Profa. Esp. Antonia Karine do Nascimento Rosendo. (Orientadora)
Especialista em Literatura Contemporânea
Faculdade São Luís.

Profa. Esp. Francione Lima Belfort;
Especialista em Literatura Portuguesa e Brasileira
– IESF

Widêglan Marques Sousa Beserra.
Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica
– IESF

A Deus, por ter me segurado nesta árdua caminhada e ter me dado discernimento e sabedoria para tal, meus pais, pela paciência, compreensão pelos momentos de nossa ausência. Especialmente meu pai Cícero Mota França e minha avó Antonia Ribeiro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Senhor Deus pela sabedoria, discernimento, paciência, compaixão por ter me guiado até aqui. Agradeço por todas as bênçãos que tens derramado na minha. Agradeço a Deus, pelas conquistas, pelos sorrisos, pelas lágrimas que esta caminhada me proporcionou.

Agradeço a minha mãe por sempre ter me acompanhado na composição deste trabalho, pela paciência e compreensão e pelas suas palavras de apoio e incentivo nos momentos de tristeza. Pelas doçuras de suas palavras e seu carinho.

Agradeço minha orientadora por sempre ter me orientado dentro das suas possibilidades e condições.

A Deus meu muito obrigada.

“Faça do mundo um lugar melhor. Pergunte-se se você está saindo de uma relação, de uma reunião de um trabalho ou de um local de trabalho deixando-o melhor do que quando você chegou. Faz uma diferença enorme para você e para o mundo”.

Fernando Mesquita.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC), tem por objetivo analisar a obra *Úrsula*, da autora Maria Firmina dos Reis. Mulher, escritora, professora, de origem simples e cor negra. Através de sua escrita apontamos a valorização da identidade feminina, assim como ultrapassou barreiras, preconceitos e engajou-se na escrita literária como representante das mulheres no final do século XIX. Sua obra é considerada o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira e o primeiro a ser escrito por uma mulher brasileira. Com a finalidade de analisar, fizemos uma explanação do contexto histórico em que a autora estava inserida, bem como as influências de Maria Firmina dos Reis para a construção de *Úrsula*, como também explanando a valorização da identidade feminina no romance *Úrsula*. Embasada em conceitos e teóricos da pós-modernidade, bem como pela crítica literária feminista.

Palavras chaves: Autoria feminina. *Úrsula*. Mulher. Feminismo. Valorização. Maria Firmina dos Reis.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the work *Ursula*, author Maria Firmina dos Reis. Woman, writer, teacher, of simple origin and black color. Through her writing we pointed to the valorization of feminine identity, as well as overcoming barriers, prejudices and engaged in literary writing as a representative of women in the late nineteenth century. His work is considered the first abolitionist novel of Brazilian literature and the first to be written by a Brazilian woman. In order to analyze, we made an explanation of the historical context in which the author was inserted, as well as the influences of Maria Firmina dos Reis for the construction of *Ursula*, as well as explaining the appreciation of feminine identity in the novel *Úrsula*. Based on concepts and theorists of postmodernity, as well as feminist literary criticism.

Key words: Female authorship. *Ursula*. Woman. Feminism. Appreciation. Maria Firmina dos Reis.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
2 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX E SÉCULO XX	12
3 MOVIMENTO FEMINISTA NA LITERATURA	16
4 A OBRA ÚRSULA E SEUS PROCESSOS HISTÓRICOS	24
4.1. As influências de Maria Firmina para a construção de Úrsula	26
4.2 A valorização da identidade feminina no romance Úrsula	32
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) tem o objetivo de conhecer os aspectos feminismo da primeira metade do século XIX, presente na obra *Úrsula*, de autoria de Maria Firmina dos Reis. Apontado por Duarte (2004) como o primeiro romance abolicionista e também como uma das primeiras obras escritas por uma mulher brasileira. Maria Firmina dos Reis no ano de 1859, inaugura a obra *Úrsula*, esta que viria a ser um dos principais marcos na história da literatura afro-brasileira. Firmina pobre, negra, nordestina, mulher e de educação acanhada não obteve a mesma salvaguarda que seus conterrâneos como Gonçalves Dias, Aluísio de Azevedo, Sousândrade, de ser legitimada nacionalmente como escritora, como aponta Eduardo de Assis Duarte (2004):

O resultado é que uma espessa cortina de silêncio envolveu a autora ao longo de mais de um século. Silvio Romero e José Veríssimo a ignoram. E muitos dentre os expoentes de nossa historiografia literária canônica fazem o mesmo, à exceção de Sacramento Blake e Raimundo de Menezes. (DUARTE, 2004, p. 267).

Zahidé Muzart (2000), reconhece que o romance *Úrsula* não conteve maior influência “por ter sido editado na periferia, longe da Corte, e por ser de autoria de uma mulher e mulher negra. Sendo este o primeiro romance abolicionista de que se tem conhecimento na literatura brasileira e dessa maneira traz à tona a temática da participação feminina na literatura sendo assim, ousa em abordar e apresentar a condição feminina na categoria de subordinada tendo sua voz silenciada, no contexto patriarcal da época, diante disso a mulher carregava consigo o descrédito de fragilidade, e da pouca inteligência e domínio das ciências. Junto a isso soma-se as obrigações, que, eram direcionadas a mulher, mãe e esposa, como costurar, bordar e a designação de ser mãe, ficando responsável pela educação majoritária dos filhos.

A mulher no século XIX, era colocada na situação de subordinada, sua voz foi silenciada, pelo fato, de ser subalterna do pai e do marido, assim afirma Duarte: “Ao publicar *Úrsula* Maria Firmina dos Reis desconstrói igualmente uma história de literária etnocêntrica e masculina até mesmo em suas ramificações

afrodescendentes”. O ato da escrita representou para as mulheres do século XIX, uma maneira de transgredir os limites impostos pela sociedade patriarcal até aquele momento, foi a escolarização feminina o ponto crucial e inicial para a elaboração da identidade da mulher como um ser social e político. Registrar este romance constituiu-se uma audácia, assim como, uma ação de transpor, que vai além das conclusões sociais combinados para uma época cautelosa, conservadora, discreta e escravocrata. Sendo assim a escritora apresenta a mulher por meio das personagens na obra Úrsula: Adelaide, Luiza, Preta Suzana e Úrsula; relatando o sofrimento e o silenciamento sentidos pela personagem.

Contudo Firmina torna-se a primeira mulher a publicar romance no Brasil e abordar a situação da mulher na literatura diante disso, Firmina dentro das possibilidades expôs a sociedade brasileira do século XIX, enfrentou todos os obstáculos e agruras do seu tempo que eram expostos a uma mulher da época.

Dessa forma a monografia está estruturada em três capítulos. O primeiro abordará um breve histórico do romantismo no século XIX e XX, uma vez que sua obra se situa nesta escola literária. O segundo aborda o movimento feminista presente na literatura e como deu-se no romance em estudo. O terceiro capítulo centra-se na obra e seus processos históricos, sendo este dividido em dois subtópicos, onde apresentará as influências de Maria Firmina dos reis para a construção de Úrsula assim como a valorização da identidade feminina no romance.

2 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX E SÉCULO XX

Sempre que falamos em literatura, nos encontramos com as expressões estilos de época ou estilos literários. Esses, marcam a forma como cada movimento inicia-se, muitas vezes por conta de um grande fato histórico ou de uma grande obra revolucionária. A literatura pode ser dividida em dois períodos: colonial e nacional. A colonial é chamada assim foi composta por um grupo de pessoas que buscavam copiar os estilos, padrões e tendências de Portugal. No entanto a nacional é formada por escritores que criaram estilos com características próprias, refletindo por sua vez sentimentos dos acontecimentos da época.

A história da literatura brasileira tem início em 1500 com a vinda dos portugueses ao Brasil. A partir de então a sociedade (indígenas) que aqui residiam não possuíam uma representação escrita, a datar desse momento, deu-se início da produção literária, nessas circunstâncias os portugueses escreveram as primeiras impressões que aqui observaram na terra desconhecida e partindo para o encontro dos povos que aqui viviam puderam escrever suas impressões vistas.

As primeiras demonstrações da literatura brasileira foram rigorosamente consagradas pelo modelo literário lusitano, visto que nossos primeiros escritores ou eram conterrâneos ou portugueses de nascimento, sendo que estes brasileiros obtinham sua formação acadêmica em Portugal, assim nossa literatura foi fortemente marcada pela estética lusitana, desde sua estrutura até as métricas das rimas. Segundo José Veríssimo (1915), aponta:

A nossa literatura colonial manteve aqui tão viva quanto lhe era possível a tradição literária portuguesa. Submissa a esta e repetindo-lhe as manifestações, embora sem nenhuma excelência e antes inferiormente, animou-a, todavia, desde o princípio o nativo sentimento de apego à terra e afeto às suas cousas. Ainda sem propósito acabaria este sentimento por determinar manifestações literárias que em estilo diverso do da metrópole viessem a exprimir um gênio nacional que paulatinamente se diferenciava. (VERISSÍMO, 1915, p. 1).

Dessa maneira é imprescindível compreender também a literatura brasileira portuguesa para que possamos entender o modelo que serviu de referência para a construção de nossa literatura. Por razão de terem sido tão

influenciados pelo lusitano, muitos autores optam por referir-se aos textos produzidos nessa época como “manifestações literárias” ou até mesmo como “ecos da literatura no Brasil”. Essa concepção alterou-se apenas na segunda metade do século XVIII quando apareceram os escritores brasileiros comprometidos com as causas políticas nacionais, favorável circunstância para a formação de uma literatura genuinamente nacional.

O século XVIII, está caracterizado por um crescimento literário em dois acontecimentos marcantes, que ocorreram na região do estado de Minas Gerais, com a formação da Escola mineira que antecedeu o projeto ambicioso, em partes consideravelmente frustrado em razão da extinção das Academias Esquecidas, sendo sua base. A importância dessas “Escolas” “Academias” se adequa a amostra conjuntural que a determina. Em suma a influência do Barroco no século XVII e a acentuada influência dos Iluministas seguidamente indicaram a geração das academias em seu sentido mais limitado, como tal qual necessário. Não há muito a contrariar literariamente, nesse ponto, pois foi um momento em que houve um trabalho em equipe bem coordenado e planejado. Além desse aspecto, da específica produção literária, persistimos num alto desenvolvimento em que não havia sido registrado até o momento.

Por outro lado, diante desse terreno de evoluções nos campos políticos e literários que impulsionamos um século com produções de diferentes vertentes, em distintas épocas que caracterizam, por conseguintes diversas expressões da realidade social. O Arcadismo firmado em 1830, é trocado por uma das vertentes que naquele momento houve a necessidade, visto que, a ocorrência da independência em 1822 rejuvenesceu os sentimentos de visões mais liberais como o Romantismo, assim como acendeu na sociedade brasileira, um sentimento de nacionalismo ufanista nunca visto.

A primeira geração do Romantismo mostra-se em um contexto de inquietações no que tange o cenário político da época. Com a agitação do período regencial, ou seja, a abdicação de Dom Pedro I, perdurando até a maioridade de Dom Pedro II, instala-se uma espécie de insatisfação geral por parte da própria população e de alguns regentes. Cenário marcante e propício o suficiente para servir de estrutura para os românticos da época empenhassem em pequenas repulsas as ideias europeias.

O Romantismo brasileiro, num primeiro momento, é uma extensão temática e estilística do Romantismo europeu, a partir disso, os românticos brasileiros retiraram poucas inspirações europeias fugiu da estética portuguesa e resgataram por meio das escolas e academias anteriores alguns estilos literários com a intenção de construir uma estética brasileira com uma nova identidade nacional.

Com isso, a literatura desde que instrumento de formação da identidade nacional colaborou para a ratificação e legitimação dessa prática social, desse modo, a medida que comungava dos questionamentos burgueses, ausentava-se e abstinha-se das legítimas questões do país, as quais se legitimavam pela intrínseca naturalidade dada pelos autores. Todavia, não se pode afastar-se da concepção que mesmo legitimado, a Literatura é ainda o veículo de denúncia por isso é através de sua representação que se pode ver como as relações se davam naquele momento; a literatura é antes de tudo, uma máquina de transformação (CASTELLO, 2012).

Quando a prática patriarcal passa a ser tema de controvérsia literária, como aconteceu em Machado de Assis na obra *Instinto de Nacionalidade* (1873), averigua – se que o país já se encontra em outro estado, em que as relações sociais já não se baseavam no velho poder patronal autoritário, mas “progrediram” a partir de certas ideias liberais apropriadas às formas de poder, sendo que não deixaram de existir, apenas se acomodaram aos novos tempos.

Além disso percebe-se que a forma discursiva utilizada e realizada pelos escritores foi a de relatar e introduzir por meio de cenas cotidianas presenciadas no país no crivo das relações sociais existentes em um âmbito mais circunscrito, em grupos pequenos da sociedade, mas também mostrando como esse tipo de prática estava inserido no imaginário de toda a sociedade diferentemente como se pensou antes, que o patriarcalismo estava somente no âmbito das administração do país e sua sociedade , como nas eleições, mas era parte fundamental da sociedade nacional, orientando as ações individuais e particulares.

Isso, principalmente, porque a formação da identidade “nasce da narrativização do eu [...] construída no imaginário” e é por meio do discurso que ela se constitui, ou seja, pode-se – por meio do discurso literário – reconhecer o esforço da sociedade brasileira em se formar enquanto nação, como afirma Hall (2005):

É precisamente porque as identidades são constituídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-la como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formação e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2005 p. 109).

Dessa forma, a diferença de apropriação do “real” realizada pelos autores estudados mostra como essa construção do imaginário é social e histórica, ou seja, primeiro se tem o patriarcalismo reinante na prática social brasileira, representada por Manuel Antonio de Almeida, depois já se encontra a relação meio desvinculada das ideias liberais e a prática social, evidenciada na narrativa de José de Alencar, e por fim a mescla e a inter-relação dessas duas formas de pensamento e o seu resultado na sociedade.

Apesar de jovem, especificamente se comparada à milenar literatura europeia, a literatura brasileira é prodigiosa. É incontestável seu papel social de propagar os conhecimentos e a cultura de nossa sociedade. Passeando-se pelas diversas escolas literárias e em diferentes períodos históricos, podemos presenciar vários pontos de contato entre a literatura e a História do Brasil, contestando assim que o fazer literário do escritor não é indiferente à realidade. A literatura é antes de tudo uma máquina de transformação pois tem seu poder interrogar, interferir, e desestabilizar a existência.

A literatura brasileira está dividida, didaticamente, naquilo que conhecemos como escolas literárias Quinhentismo (1500 – 1601), Barroco (1601 – 1728), Arcadismo (1768 - 1836), Romantismo (1836 – 1881), Realismo e Naturalismo (1881 – 1922), Parnasianismo (1882 - 1922), Simbolismo (1893 - 1922), Pré-Modernismo (1902 - 1922), Modernismo (e suas outras correntes que alcançam a Literatura contemporânea). Cada uma das escolas literárias apresenta características temáticas peculiares, cujos textos e autores aproximam-se em estilo e ideologia.

3 MOVIMENTO FEMINISTA NA LITERATURA

A entrada da mulher à educação culta não foi equânime nem tampouco espontânea. Ao passo que os homens detentores de alto poder aquisitivo recebiam educação fora de casa nas chamadas *grammar schools*, onde dedicavam-se a assuntos como política e economia, à mulher era destinado cabendo apenas os afazeres domésticos e prendas como por exemplo, cozinhar, bordar, cuidados com os filhos, pintura e música como cita Cavvallo e Chartier (2011).

No ano de 1789, quando a confiabilidade na Revolução francesa ainda era proeminente, acreditava-se que a Revolução Francesa facilitou a ditar os princípios sócio-político-econômicos da sociedade moderna. O livro *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, afirmou um clamor aos direitos das mulheres, sendo que a nova constituição francesa de 1791, ofertou apenas direitos e cidadania somente ao homem, excluindo assim, as mulheres de uma conceituação de humanidade. Ainda assim nesse período ecoa, nas camadas europeias, a afirmação de Jean Jacques Rousseau, para o que deveria ser a educação para mulheres.

Seu livro “Do Emílio ou da Educação”, o filósofo se dispõe a traçar o perfil do que viria a ser “uma estudante ideal” este imposto pela sociedade patriarcal da época e afirmou que a educação feminina, desde a infância, teria que estar alinhada para com as concepções da época e consequentemente atrelada à vida particular e dispor-se ao atendimento das insuficiências do homem, segundo Rousseau (1995):

A educação das mulheres deveria ser sempre relativa à dos homens. Agradar-nos, ser-nos úteis, fazer-nos amá-las e estima-las, educar-nos quando jovens e cuidar-nos quando adultos, aconselhar-nos, consolarmos, tornar nossas vidas fáceis e agradáveis. Estas são as obrigações das mulheres durante todo o tempo, e também o que elas devem aprender na infância (ROUSSEAU, 1995, p. 445).

Portanto tal pensamento de Rousseau, denota-se inteiramente atrelado ao regime e costumes impostos a época em relação a figura feminina, dessa maneira, essa visão determinante assegurava a mulher, daquilo que deveria ser a educação para mulheres e possibilitava a ela alcançar esta como prática imprescindível para a emancipação feminina, dentro de contexto predominantemente masculino; dessa maneira o livro *Reivindicação dos direitos das mulheres*, tornou-se

um dos primeiros documentos que contemplam para uma visão feminista, e depara-se com Jane Austen (1775-1817), considerada primeira romancista moderna da língua inglesa, defensora das demandas referentes à educação e ao discernimento feminino autônomo.

A desigualdade de gênero na literatura contribui para a desvalorização da mulher na literatura, acresce-se a isso o pouco espaço que era destinado à mulher, sendo esta, inegavelmente confinado ao ambiente familiar, para criação e educação dos filhos e, além disso este espaço é conferido ao sexo feminino uma alfabetização para fins de etiquetas ou para convites de casamentos com propósito de diminuir a representatividade feminina, soma-se a isso a perda da autonomia e habilidades. Segundo Marcia Tiburi (2018):

O que chamamos de patriarcado é um sistema profundamente enraizado na cultura e nas instituições. É esse sistema que o feminismo busca desconstruir. Ele tem uma estrutura de crença firmada em uma verdade absoluta, uma “verdade” que é antes produzida na forma de discursos, eventos e rituais em sua base está a ideia sempre repetida de haver uma identidade natural dois sexos considerados normais, a diferença entre gêneros, a superioridade masculina, a inferioridade das mulheres e outros pensamentos que soam bem limitados, mas que ainda são seguidos por muita gente. (TIBURI, 2018, p 26).

Este sentido de patriarcado identificado pela supremacia masculina, desvalorização da identidade feminina e designação funcional do ser mulher, apenas para procriação, remonta a História Antiga e Idade Média. Segundo Macedo (1990), a liberdade da mulher sujeitou-se a grandes limitações, incapacidades jurídicas restringiam ao meio doméstico entre elas: exercer cargos públicos, quando se dirigia à justiça, seu direito somente seria reivindicado caso estivesse ao seu estrito interesse, não poderia exercer cargos ou ofícios religiosos.

Em demonstração de submissão deveria manter os cabelos longos e não podia até mesmo falar nos lugares de cultos, paralelo a isso ainda existia a repressão sexual, onde a mulher em nome da moral cristã obedecia seu preceitos, para a igreja a mulher era vista pelos religiosos sexo/ser, inferior, portanto o homem era considerado o Todo poderoso e a mulher um ser secundário, então diante disso, a mulher era subalterna ao marido, como aponta Macedo. “ Considerada a responsável pela queda da humanidade no pecado, a dominação do esposo sobre ela e as dores do parto eram vistos como o seu castigo. ” (MACEDO, 1990, p.19).

Com efeito, sabemos que a mulher foi excluída do grupo intelectual da sociedade, pois seus constituintes homens em sua maioria, a considerava um ser não manifestado de inteligência / capacidade racional intelectual. Dessa forma considerando essa linha de pensamento, a tarefa que era designada a mulher eram pertinentes aos afazeres domésticos. Segundo Woolf (1985), para que a mulher tivesse possibilidade de escrever, ela precisava primeiro se emancipar o que significa dizer que “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção” (WOOLF, 1985, p. 8). Embora todas as dificuldades e amarras relativas ao seu gênero, muitas dessas mulheres tiveram suas obras esquecidas no tempo.

Apesar disso, essa situação começa a ser transformada no final do século XIX, início do século XX, nesse o movimento rumo para a conquista de outros direitos, como trabalho, escolaridade, saúde, e sexualidade, mas continuaram partindo das necessidades de grupos específicos, tudo isso, proporcionando a inclusão das mulheres no mercado de trabalho, de preferência nas funções de professora de escolas primárias, pois, considerava-se a noção de que a mulher está inundada dos instintos maternos teria afincado ligado às crianças e isso possibilitaria a cuidar e junto a isso ensinar as crianças nas séries iniciais, conseqüentemente, abertura ao trabalho ligado à docência; à mulher não era permitido o alcance a cargos considerados mais superiores pois como a mulher apenas se detinha dos trabalhos mais simplórios, sendo assim a mulher se continha.

Conforme referencia, Louro (2004), é na “segunda onda”¹ do feminismo, na década de 1960, que as preocupações sociais e políticas serão acrescidas às necessidades de apresentar e desenvolver teorias que sustentassem os argumentos construídos no cotidiano de luta. Scott reitera que tal preocupação é produto de um momento histórico onde houve fomentos de faculdades, escolas de graduação e fundações que permitiram às mulheres maior especialização, por meio da qualificação acadêmica. Este incentivo já foi fruto das reivindicações do movimento

A menção a ondas como fases do feminismo é uma preferência textual da autora, em concordância com outras produções teóricas do âmbito do gênero. Ela indica, desta forma, um processo de arrefecimento do movimento feminista em face a outros determinantes sociais. É significativo destacar que não estamos compreendendo este processo histórico como composto por fases que se alternam de forma lineares, mas como um processo permeado por rupturas e anuências, introduzido numa realidade dinâmica e contraditória. (1)

feminista que durante décadas lutou para o desenvolvimento da educação feminina, Scott (1992):

As feministas na academia declaravam que os preconceitos contra as mulheres não haviam desaparecido, ainda que elas tivessem credenciais acadêmicas e profissionais, e se organizaram para exigir uma totalidade de direitos, aos quais as qualificações presumivelmente lhes davam direitos. (SCOTT, 1992, p. 69).

Tal “unidade” que orbitava em torno das bandeiras de luta do movimento feminista, passam a ser desestabilizadas quando grupos distintos, como as mulheres negras ou lésbicas, começam a não se perceber inteiramente representadas e passam a questionar os próprios discursos homogeneizantes do movimento: a opressão sofrida pelas mulheres numa sociedade que tendia a moldá-las conforme parâmetros externos.

Tendo o romance *Úrsula* como objeto de estudo, percebemos que o século XIX é por excelência o século do romance, nota-se que foi a partir de então com a apreciação dos procedimentos e os entendimentos de que somente os documentos oficiais eram considerados dignos de reflexões, que a história se debruçou à narrativa dos fatos, dos grandes homens e seus feitos. Permitia-se evidências a personagens, em sua maioria, masculinos que exibissem, de alguma forma participação nos governos e/ou guerras, não havendo lugar, nas narrativas daquela época, para as mulheres.

A produção literária romântica serviu como perfeito veículo para a definição dos valores nacionais, nos planos histórico-social e artístico-literário, sendo que os “valores” brasileiros eram os da minoria dominante (KESSAMIGUIEMON, 2002). A literatura de cunho romântica tem como tema geral o amor à pátria, à natureza, à religião, ao povo e o passado, como forma de firmar sua identidade (Mariângela Capuano, (2008). A composição étnica eleita como sendo o princípio formador do povo brasileiro ficou sendo o branco europeu colonizador e o índio nativo colonizado. A presença do negro na literatura canônica brasileira desta época foi totalmente ocultada. Assim, Adriana Oliveira (2007), afirma:

[...] um esforço por parte de nossos escritores românticos no sentido de produzir uma imagem do Brasil una e coesa; tal empenho tem o objetivo de forjar uma identidade nacional. Esse processo resulta no apagamento das diferenças, pois para que ele se efetue, conflitos de toda sorte, sobretudo étnico-raciais, são apaziguados e o Brasil é apresentado como uma comunidade harmônica. Em função desse desejo de unidade, as diferenças (não apenas as étnicas) tendem a ser ignoradas pelos escritores desse período e a maioria deles pode ser caracterizada como um observador ameno de costumes, quadros históricos e paisagens que se quer bem pouco problemáticos (OLIVEIRA, 2007, p. 34-35).

Em *Úrsula*, apesar de presenciarmos descrições de cenários brasileiros, há cenas da África, da travessia de escravos e, também, cenas de um Brasil que não necessitaria apresentar, visto que rompem com a hipotética e despedaçada a identidade nacional. O romance *Úrsula*, está atrelado entre o ser escravo e ser mulher e na representação do escravo percebe-se que ele se torna um sujeito pleno e visível, identificado mais a africanidade e suas características coletivas e ancestrais que a condição de mercadoria e objeto. Firmina assina, por meio de sua obra romântica uma postura de denúncias de injustiças há séculos presentes na sociedade patriarcal brasileira que tinha no escravo e principalmente na mulher suas principais vítimas (MENDES, 2006).

Com toda a efervescência do final do século XIX e início do século XX, onde propiciou a introdução das mulheres no mercado de trabalho propiciou a mulher inserção da mulher também no campo literário e com o passar dos anos outros patamares. Com a entrada da mulher no campo literário destacamos algumas escritoras como por exemplo a autora do romance em estudo Maria Firmina dos Reis que ocupando um lugar de predominância masculina, não alcançou destaque diante de suas produções, em contrapartida a autora pernambucana Raquel de Queiroz destacou como escritora no final do século XX, tendo seus escritos reconhecidos, tais como suas crônicas.

As escritoras ocuparam lugares e posições diferentes nas sociedades, Firmina sendo pobre, negra, nordestina, bastada e mulher não alcançou tal ensejo, como também de ampliar seus estudos, a pouca educação que recebeu veio da tia e seu primo também escritor e literato Francisco Sotero dos Reis que acompanhou um pouco de sua trajetória escolar. Ambos escritores, mas ocupando posições diferentes dentro de uma sociedade marcada pelo preconceito de pele.

A luta pela aquisição do espaço feminino no século XIX, no qual Firmina viveu e produziu o romance *Úrsula*, se deu em duas frentes a primeira estava relacionada à necessidade de instrução das mulheres; a segunda à utilização da escrita para falar de si. Esta última necessidade de instrução das mulheres; a segunda à utilização da escrita para falar por si. Esta última necessidade se percorria ligado ao fato de que já existia um discurso, mas de teor masculino que falava pela mulher sem antes mesmo que ela o fizesse.

Desta forma, segundo a autora Eleuza Tavares (2007), instrui-se e posicionar-se através da escrita foram as duas frentes de luta nas quais muitas mulheres dos oitocentos se comprometeram com a escrita. Elas tiveram, que primeiro, aderir à palavra escrita, dificultada em uma época em que se valorizava, como já explanado, a ler o que sobre elas se escreveu e, de um modo ou de outro, rever o que se relatava e a própria socialização. Evidencia-se, assim que “a conquista do território da escrita, da carreira de letras, foi longa e difícil para as mulheres no Brasil. (TELLES, 2002, p. 409).

Segundo o exposto, podemos enfatizar o fato aliado ao ato de escrever para a mulher dos oitocentos, traduz uma ousadia e ruptura. Neste aspecto, publicar constitui um ato de audácia aliado a coragem e, especialmente, de ocupação de um espaço público até seu tempo barrado. Maria Firmina sabia da situação da mulher em seu tempo, discriminada e com formação precária, como também sabia da importância do seu ato ao tornar pública a obra. A autora cita: “ Mesquinho e humilde é este livro que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim dou o lume ”. (REIS, 2004, p. 07).

Para Maria Firmina dos Reis “a escrita de *Úrsula* constitui-se com um duplo movimento, que oscila entre a realização da obra, enquanto arte, e o ato político”, conforme Eleuza Tavares (2007, p. 2).

O caso de Maria Firmina dos Reis se enquadra nesse paradigma. Figura expressiva, aventurou-se a escrever dentro do contexto que a realidade brasileira impunha à época, driblou as agruras de seu tempo em que a mulher e os afrodescendentes estavam à margem dos bens, principalmente o intelectual

(BARROS, 2009). Constitui, assim, uma fala dissonante, sobretudo por conceder “consciência” aos cativos e perceber a escravidão sob a lógica social dos próprios escravos. O escravo firminiana não é apenas vítima passiva da escravidão: é dotado de humanidade, de caráter, e saudoso de uma mãe África ausente (SILVA, 2011).

Ao falar sobre escrita feminina no século XIX, pressupõe que iremos falar sobre os obstáculos de reconhecimento, as dificuldades de publicação, o empecilho encontrado desde a busca pelo espaço desenvolver o texto literário. Comenta-se, ainda, de um confuso período em que, ora se entusiasma a empreitada feminina, outrora se julga a mulher como sujeito incapaz, ou mesmo uma ameaça que vê na emancipação feminina algo que alteraria inevitavelmente a ordem natural do mundo.

Para os homens da época, essa mudança propiciou certos temores, a ponto de algum tempo, utilizarem-se de estratégias que pudesse barrar essa locomoção da posição social das mulheres, ao que elas também respondiam com outros métodos, como era muito comum na época as escritoras femininas utilizarem-se pseudônimos como o caso de Maria Firmina dos Reis, algumas delas usavam pseudônimos masculinos em suas produções, conforme Queiróz (2009, p. 209), um meio funcional ainda que com poucas ocorrências no Brasil, para transpor agressividade masculina presente.

A mulher dessa forma, torna-se uma espécie de intimidação e o prestígio vindo de uma ou outra nota nos jornais fortalece o movimento de emancipação, mesmo que de maneira ainda difusa, em meio a elogios que valorizavam a inteligência, e especialmente o propósito sentimental das poesias.

Ao mencionarmos a obra de Maria Firmina dos Reis não nos distanciamos muito desse contexto, afinal, ao olharmos as centenas de jornais que circularam na sociedade maranhense no período em que atuou a escritora, bem como a falta de comentários críticos mais aprofundados sobre sua produção, dentro ou fora dos jornais criados e direcionados para o público feminino, fato é que Maria Firmina dos Reis não era uma mulher desconhecida na região, mas tampouco chegou a aproveitar qualquer reconhecimento mais relevante na sua carreira literária, como outros poetas maranhenses do mesmo período, a exemplo de Gonçalves Dias ou Sousândrade.

Ao passo que não faltasse talento à escritora, ou que ela não seguesse os princípios e estilos formais da literatura Romântica praticada até então; vemos que um dos problemas centrais recai na instrução formal destinada às mulheres e ao estímulo precário à produção feminina, ainda que um incentivo existente, que seguramente Maria Firmina dos Reis soube aproveitar para manter-se intelectualmente ativa e atuante na imprensa local.

Produzir no século XIX, para as mulheres, poderia significar uma desconsideração ao funcionamento da sociedade, marcada ideologicamente pela figura do homem em atividades intelectuais e a mulher nas atividades domésticas e criação dos filhos, submissa ao poderio masculino. Na atividade da escrita, aos homens era importante tratar de questões filosóficas e sociais, enquanto às mulheres, quando lhe era permitido ler e escrever, e isso significar uma atividade produtiva, estavam destinadas apenas as frivolidades e temas pouco ligados ao convívio social. Ler e escrever deveriam ser exercícios no interior dos lares, sem reflexões que levassem a mudanças.

A participação na imprensa, igualmente, era mais aceita para os homens, apesar da existência de jornais editados e destinados ao público feminino, alguns dedicados a reafirmar a cultura patriarcal, e outros permeados pela questão educacional e reflexões acerca do papel da mulher, afirmando um desejo de emancipação feminina, que somente mais tarde teria eco expressivo.

Nesse contexto de tímida inserção das mulheres no mundo das letras, e do letramento a partir do acesso às escolas, as revistas e jornais que circulavam na sociedade eram os principais meios para que a mulher exercesse aquilo que aprendia aos poucos, mas nem por isso deixaria de ser desenvolvido.

4 A OBRA ÚRSULA E SEUS PROCESSOS HISTÓRICOS

Maria Firmina nasceu em 11 de outubro de 1825, na ilha de São Luiz, na época, capital da província do Maranhão, registrada por seus pais, João Esteves e Leonor Felipa dos Reis, sendo filha “bastarda”, nascitura provavelmente de um relacionamento atípico entre uma portuguesa e um escravo africano. Firmina era prima do escritor maranhense Sotero dos Reis, da parte materna. Na cidade de Guimarães conviveu com a avó, a mãe e as suas primas, para onde mudaram quando tinha, apenas, 5 (cinco) anos de idade. (SILVA, 2011).

Maria Firmina, era estudiosa, e com todas as adversidades que imperava na sociedade, a dificuldade da escrita feminina, conseguiu transpassar a cadeia da exclusão das mulheres no mundo literário, através disso, obteve aprovação no concurso público para lecionar Primeiras Letras, em Guimarães, cidade do interior do Maranhão (1861); publicou seu primeiro romance Úrsula (1859), sobre pseudônimo (“uma maranhense”) Guepava (1861), as poesias de contos à beira-mar (1871) e o conto a Escrava (1861) além das publicações, contribuiu amplamente na imprensa maranhense com diversos gêneros, sendo eles: poemas de ficção, crônicas e até enigmas e charadas.

A obra Úrsula (1859) de Maria Firmina dos Reis, foi redescoberta em 1962. Como aponta Menezes (1978) diz que:

Por Horácio de Almeida numa casa de livros usados do Rio de Janeiro chamou a atenção do pesquisador por que, no lugar do nome do autor estava assinado Uma Maranhense. Depois de muitos estudos, descobriu a identidade da autora: Maria Firmina dos Reis. (MENEZES, 1978, p. 570-571)

Logo após sua obra ter sido resgatada do esquecimento, na segunda metade do século XX, Firmina passou a ser considerada por vários críticos como a autora do primeiro romance da literatura afro-brasileira, fato este que nem todos os historiadores admitem. O fato de Maria Firmina ter nascido na ilha de São Luis, capital da província do Maranhão, conhecida por ser a terra natal de vários escritores, como Gonçalves Dias, Aluísio de Azevedo, Sousândrade, entre outros,

ela não pôde galgar êxito com suas produções, assim como, seus conterrâneos, o prazer de ser conhecida como escritora brasileira e obter reconhecimento através de suas produções. Como a seguir aponta Eduardo de Assis Duarte, (2004).

O resultado é que uma espessa cortina de silêncio envolveu a autora ao longo de mais um século. Sílvio Romero e José Veríssimo a ignoram. E muitos dentre os expoentes de nossa historiografia literária canônica fazem o mesmo, à exceção de Sacramento Blake e Raimundo de Menezes. (DUARTE, 2004, p. 267).

Ainda assim possuindo todas as qualidades literárias o romance *Úrsula* (1859), não alcançou repercussão no país, durante aquela época em que foi publicado, por que anunciava as primeiras ideias abolicionistas, do mesmo modo que iniciou a literatura feminina afro-brasileira, mesmo assim vivendo em um contexto de segregação racial e social, preconceito, da subalternidade e do não acesso à educação básica, todos estes conjuntos de empecilhos não limitou e não impediu que Firmina adentrasse em um espaço cultural ocupado majoritariamente por homens, e se tornasse audaciosa dentro da sua escrita, dando voz à mulher, lugar e direito.

Durante sua escrita houve a quebra do silêncio que se perpetuava durante séculos a respeito do direito ao acesso a escrita feminina, como também o que mais evidencia o romance a ruptura do silêncio feminino onde a mesma passou a ser vista não como apenas absorvedoras dos deveres, mas a falar e ser ouvida. A escrita feminina dentro de uma sociedade patriarcal tornava-se um ato de bravura e ousadia aliado a determinação firminiana, ainda sendo mulher e mulher negra dentro de uma sociedade predominantemente masculina.

O romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis (1825-1917), traz a história de amor entre *Úrsula*, a personagem essencial da trama e *Tranquedo*, tendo como pano de fundo a temática do período obscuro da escravidão que perdurava na época no Brasil. A obra revela grandeza da autora através da sua primazia em retratar personagens negros, negras e mulheres de outro ponto de vista, de um ponto de “vista” interno, ou seja, pela primeira vez na literatura brasileira, eles são retratados como indivíduos submissos e marcados pela excessiva estereotipação. A autora retira a mordaça do silenciamento a partir do momento que possibilita que esses personagens tenham voz e, além disso, sejam caracterizados como sujeitos.

Toda essa conjectura serviu para a autora alicerçar suas produções; a obra dentro das características românticas contribuiu para o tom melancólico explicitado no enredo; a obra inserida no período em que a mulher tinha sua voz silenciada, sem autonomia contribuiu para que os processos históricos em que a obra está inserida seja amplamente não só estudado, mas em possibilitar o acesso a questões sociais do momento histórico em que o texto foi tecido.

4.1. As influências de Maria Firmina para a construção de Úrsula

A familiaridade de Firmina com a literatura iniciou cedo, 1830, quando se removeu para a casa de uma tia cuja situação financeira era melhor que a de seus pais, na vila de São José de Guimarães. Logo aos poucos, a jovem travou contatos com parentes ligados ao meio cultural, como seu primo Sotero dos Reis, um gramático bastante conhecido. Foi a partir disso, que, veio o autodatismo, em consequência o gosto pelas letras. Diferentemente dos seus conterrâneos ela não obteve o mesmo privilégio de estudar em Coimbra, apesar desse desafio de não ter estudado nas famosas universidades de Portugal suas obras tiveram cunho literário, mas não foi reconhecida com seu devido valor.

Em 1847, momento em que se tornou professora, Firmina já possuía uma postura valorizadora, desenvolvida e articulada em relação à mulher. Quando foi aprovada no concurso para a Cadeira de Instrução Primária, se tornou professora; como era comum os aprovados andar em palanques rejeitou andar desfilando pela cidade de São Luís nas costas de escravos, onde teria afirmado que os escravos não eram bichos para andar com pessoas montadas neles.

Durante a época em que viveu Maria Firmina dificilmente uma mulher e mulher negra expor sua opinião publicamente sendo levada em consideração, num cenário predominantemente masculino. Foi a sua persistência e respeito alcançados que a fizeram alçar sua voz além do que era pré-estabelecido, não somente isso, abriu lugar para lançar seu primeiro livro, o romance Úrsula. Fatos estes descritos acima contribuíram para que Maria Firmina recebesse os subsídios necessários para que pudesse ousar com suas obras, uma vez que, Firmina expõe as mazelas da

escravidão praticada pelos portugueses, e faz a voz feminina ser ouvida e valorizada, fato este não comum numa época em que, como dito anteriormente, a produção literária feminina era escassa, relegada a um plano inferior. Assim, Firmina consolidou-se como professora e escritora onde ousou em suas produções e conseguiu enviar uma mensagem para a sociedade, apesar de não ser aceito por tratar de assuntos não muito cortejantes, para a sociedade escravagista e machista que não ponderava tais atitudes advindas de uma mulher.

Tal como Candido, entendemos que o vínculo entre sociedade e literatura dialética, pois a segunda nasce por meio da interferência que a primeira faz sobre ela e que, ao inverso, uma obra literária é capaz de influenciar e mesmo transformar o meio onde circula. Dessa maneira o escritor sofre ingerências do seu meio sócio-histórico. No caso de Maria Firmina dos Reis, apesar de estar inserida em um tempo/espço onde a mulher era vista através da sombra do homem, a referida escritora não integrou essas afirmações sobre seu gênero em sua completude, melhor, esclareceu essas representações sociais ao seu modo, tendo em vista que, em seu romance as mulheres e os escravizados eram tratados pela sociedade patriarcal dominante.

Dentro desse contexto Firmina incorporou as influências de sua época, de acordo com seu local social. Sendo mulata, bastarda, professora, pobre, identificou-se com aspectos, e pensamentos, presentes em sua época, que, talvez, fosse do seu cotidiano e fizesse parte do seu local social, não esclarecendo, não incorporaria de tal maneira. Recebeu influências ultrarromânticas, segundo nos informa Candido, (2004):

O decênio de 1850 viu também o que se costuma chamar, à maneira dos portugueses, Ultrarromantismo, tendência que vinha dos anos de 1840 e se expandiu nesse, numa espécie de literatura da mocidade, feita por jovens que, antes das atenuações inevitáveis trazidas pela “vida prática”, deram largas ao que alguns críticos cautelosos do tempo chamavam “os exageros da escola romântica”. Do ponto de vista formal, [...] quanto aos temas, manifesta-se pouco interesse pelo patriotismo ornamental e pelo indianismo, permanecendo vivo o sentimento da natureza e surgindo a atração pela morte. CANDIDO (2004, p. 51).

São características inerentes ao ultrarromantismo exteriorizadas no romance *Úrsula: Liberdade* criadora do autor, onde o conteúdo torna-se mais importante que a forma; dúvida, dualismo, tédio, morbidez, sofrimento, pessimismo, fuga da realidade ou escapismo e saudosismo. A característica, talvez mais importante, ou mais visível do Romantismo é o sentimentalismo; a supervalorização das emoções pessoais.

A característica, talvez mais importante, ou mais visível do Romantismo é o sentimentalismo; a supervalorização das emoções pessoais. Antes de exercer o ofício de escritora, Maria Firmina “disputa com duas concorrentes a vaga da cadeira de primeiras letras a cidade de Guimarães, e é a única aprovada” (MORAES FILHO, 1975, s.p.). Torna-se professora de primeiras letras no ensino público oficial na cidade de Guimarães. No ano de 1880 cria na sua cidade, uma aula mista e gratuita, ou seja, uma escola para alunos dos dois sexos, de acordo com Telles (2010):

Um ano antes de se aposentar, com trinta e quatro anos de magistério público oficial, Maria Firmina dos Reis fundou, a poucos quilômetros de Guimarães, em Maçaricó, uma aula mista e gratuita para alunos que não pudessem pagar. Estava então com 54 anos. Toda manhã, subia em um carro de bois, para dirigir-se a um barracão de propriedade de um senhor de engenho, onde lecionava para as filhas do proprietário. Levava consigo alguns alunos, outros se juntavam. Um experimento ousado para a época. TELLES (2010, p. 412).

À época não era habitual que meninas e meninos estudassem juntos. Segundo Raimundo de Menezes (1978, p.570). “Essa escola mista “escandalizou os círculos locais, em Maçaricó [...] e por isso mesmo foi a professora obrigada a suspendê-la depois de dois anos e meio”. A escola manteve suas atividades por dois anos, entretanto, após seu encerramento, Firmina continua ministrando aulas crianças da região. Embora Raimundo de Menezes assegure *Dicionário Literário Brasileiro* que a escola mista de Maria Firmina foi fechada por causa do escândalo da época, não há como afirmar qual o real motivo do fechamento de suas atividades, porque, segundo Sacramento Blake (1900, p. 483), em seu *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, pelo fato de que “o ensino era gratuito para quase todos os alunos, e por isso foi a professora obrigada a suspendê-la depois de dois anos e meio”.

Conforme Moraes Filho (1975, s.p.), a escola criada por Maria Firmina foi “uma revolução social pela educação e uma revolução educacional pelo ensino, o

seu pioneirismo subversivo de 1880”. Para Muzart (2000, p. 265) “o fato de ter fundado a primeira escola mista do país mostra as ideias avançadas de Maria Firmina para a época”, pois subvertia “a ordem educacional vigente, ao quebrar o cânone moral oficializado, que segregava os sexos em aulas separadas” (MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Subversiva ou avançada depreendemos Firmina como uma mulher que ao vivenciar seu tempo, interpretou-o percebendo as necessidades que havia em seu universo social. Pressupunha, provavelmente, em buscar para os demais, uma realidade melhor do que aquelas em que esteve inserida. Realidade essa em que não existiria uma diferença ou um motivo para a separação de meninas e meninos nas escolas de primeiras letras instância inicial do aprendizado social, ensinando-os a conviver juntos, nas igualdades e diferenças, muito cedo.

Depois de publicar sua obra mais importante, Maria Firmina passou a cooperar continuamente com a imprensa local. Esse último “não foi enfeixado em livro, mas teve 3 (três) edições em folhetim num muito curto espaço de tempo – o que atesta eloquentemente o grande êxito popular desta original criação literária” (MORAES FILHO, 1975, s.p.). A autora compôs também alguns hinos e cantos Segundo Mendes (2006, p. 19), Maria Firmina foi “autodidata, sua instrução fez-se através de muitas leituras – lia e escrevia francês fluentemente”.

No seu álbum, segundo a respectiva autora “livro da alma; é nele que estampamos os nossos mais íntimos sentimentos, os nossos mais extremos afetos; assim como as mais pungentes dores de nossos corações” (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.). Nesse diário Maria expressava muito dos seus sentimentos e desejos mais íntimos, explicitando suas tristezas, angústia e poucas alegrias vivenciadas na sua vida, percebemos algumas características de sua personalidade, que bastante influenciaram na sua escrita. No ano de 1853, anos antes de publicar de *Úrsula*, Maria Firmina escreve nesse álbum:

Era a hora do silêncio e do repouso, hora mágica – misteriosa – grande – sublime – majestosa como Deus! Triste, melancólica como a imagem do túmulo..., porém que Para a minha alma, por isso que minha alma ama a melancolia!!... E eu te saudava hora mágica e sublime! E eu subia no cume do rochedo... E tu eras grande – e misteriosa como o mesmo Deus!!!... [...] / E eu chorava porque a meus pés estava um túmulo [...]. (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Através do relato desse pequeno trecho, parece que a autora os escreve após a morte de um ente querido, Maria mostra sua reação diante da dor de perda. Essa forma sentimentalista, melancólica de retratar as emoções e as situações da vida compõem as características pessoais das personagens firminiana.

Os textos que constituem o álbum são aglomerados de confissões sobre dor, tristeza, escuridão, sepulturas, velas, anjos, melancolia, angústia e suicídio. “Oh! Te saúdo novo ano; mas, tu não trouxeste a esperança à minha alma! ” (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Tentar contra os meus dias, seria um crime contra Deus, e contra a sociedade; mas almejo a morte. Perdoai-me Deus de misericórdia! Mas a vida é-me assaz penosa, e eu mal posso suportá-la. O mundo é áspero e duro; mas não me queixo do mundo nem de pessoa alguma. Minha compleição é débil, minha alma sensível, meus desgostos são filhos de meus caprichos (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

A morte é uma companheira que sempre se fazia presente na vida da autora, no trecho acima Firmina relata isso, como também podemos observar neste trecho datado do ano de 1861 “o descanso de uma vida consumida, encontra-se na sepultura. O esquecimento das dores humanas, só ela oferece. Eu quero um dia de repouso, um dia de esquecimento. Campa!... campá, eu te saúdo” (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Maria Firmina cresceu rodeada pelas mulheres que a criaram, sua mãe, a avó, a irmã e a prima, essas mulheres contribuíram na educação dela e de certa forma ajudaram a moldar sua personalidade. Tem como imagem a figura da casa materna, tendo sua mãe como mantenedora, assim sendo ela não retrata a figura masculina pois ela não existe.

O fato de ter sido criada por mulheres, sua educação torna-se freirática, sendo assim, sua educação é orientada para os afazeres domésticos e tomada

pelos dogmas católicos, sendo essa educação que coopera a escritora a justificar sua maneira de ver o mundo, uma educação que limitou, fato este que se comprova nos seus escritos, na sua originalidade. Maria Firmina afirma ainda sobre sua juventude que “a mulher é como a flor, esta sonha meiguices ao despertar do sol, porque o sol que surge há de afaga-la” (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.), o que demonstra o quanto da representação social sobre as mulheres incorporou. A mulher não é bruta, essa é a característica do homem. Ao contrário, a mulher é como uma flor, é frágil, é dócil, está ligada ao mundo do sentimento.

Ademais, esse mesmo álbum Firmina escreveu sobre duas amigas assemelhando-as a anjos, confirmando que “eu as vi... eram duas virgens, duas virgens, meigas, belas, sedutoras, oh! Ainda as vejo!... Teresa... Alexandrina” (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.). Neste percebemos trecho como a escritora representa de forma idealizada pessoas próximas, outra peculiaridade que encontramos no romance.

Maria Firmina não se casou durante sua vida, foi “moça solteira”. Entretanto não há registro de que tenha se enamorado por alguém. Em relação ao amor revela-nos que:

A sucessão dos anos apagou-me o fogo do coração, resfriou-me o ardor da mente, quebrou na haste a flor de minhas esperanças. [...]. Amei eu já acaso? Não sei. Amor – acrescentarei eu, é uma paixão funesta – é o amor quem espreme no mundo tanto fel, tanta amargura, é quem torna a vida peso insofrível, por demais incômodo. (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Essa passagem parece nos contar que nossa autora sofreu por amor, sua vida nos é sempre retratada como solitária e árdua. Seu texto apresenta nuances de tom romântico e melancólico. Fala de dissabores e decepções que apenas a própria Maria Firmina tinha conhecimento. Seus escritos íntimos expressam constantemente a tristeza da separação. A autora está sempre vivenciando a perda de algo ou de alguém, o que dá uma nuance de lamentação em seus escritos, constantemente.

4.2 A valorização da identidade feminina no romance *Úrsula*

O romance *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis foi uma página considerável no capítulo da literatura brasileira, uma vez que, através da inovação ficcional de sua escrita, pode-se perceber o lado do oprimido: O negro escravizado e a mulher submissa. A escrita firminiana em *Úrsula* levou o público a desmitificar as ideias que, os negros e as mulheres não eram possuidores de sentimentos e emoções. *Úrsula* surge como a quebra de paradigmas e novos rumos a escrita feminina no Brasil, mesmo que a tímido modo.

A desaprovação da escrita feminina, considerando a mulher como escritora, leva em consideração a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas desses escritos, bem como a trajetória da carreira (individual ou coletiva) além da evolução e as leis de uma tradição literária de mulheres.

Reverenciando a escrita de Reis, diretamente ligado às personagens femininas no romance *Úrsula*, percebe-se diferenças marcantes entre a composição e as representações das mesmas na obra, principalmente pelo ponto de vista da descrição da autora e como se apresenta ao leitor. Essa composição e representação se faz por meio de jogo de palavras interligando ao encaixe da narrativa que a escritora utiliza para dar visibilidade a suas personagens tornando-as elementos participantes do tema:

(...) o texto marca-se pela linearidade narrativa e por personagens desprovidos de maior complexidade psicológica. Tais figuras vivem situações extremas, marcadas pelo acaso e por mudanças bruscas do destino. Situando *Úrsula* no contexto da narrativa folhetinesca, pode-se aquilar o quanto a escritora se apropria das técnicas do romance de fácil aceitação popular, a fim de utilizá-las como instrumento a favor da dignificação dos oprimidos – em especial a mulher e o escravo. (DUARTE, 2004, p. 269).

A tematizar questões como o negro e a mulher, Firmina, adapta sua obra para haver aceitação aproximação do leitor, de modo que, estes possam também questionar a respeito como também “se ver” representado em uma obra literária. Nesse contexto em consideração o período em que Maria Firmina dos Reis escreveu *Úrsula* e as condições as quais as mulheres eram submetidas, em relação à vida intelectual e à formulação de ideias acerca da sociedade, a autora maranhense ultrapassa as autoras dos séculos XX e XXI, pois embora posta as

amarras que limitavam a prática literária feminina e que atalhavam a mulher de pronunciar a sua própria opinião sobre qualquer assunto que ultrapassasse os limites domésticos, Reis soube criticar, resistir, como também criar, através da prática literária, uma visão única que ultrapassou as limitações da sociedade e da época em que viveu, por via da denúncia manifestada em *Úrsula*, Nascimento (2009), afirma:

As digressões da narradora e a fala do personagem Tancredo, mesmo as vozes das personagens femininas e suas caracterizações criticam as imposições dos personagens que representam os comendadores e fazendeiros da época. Estes, antagonistas do romance *Úrsula*, por imporem sua moralidade às demais personagens, moralidade, aliás, calcada na hipocrisia e em interesses puramente econômicos e sexuais. Expressões da manutenção do poder do homem, em um espaço romanesco que absorve a situação de homens e mulheres daquela época, condicionados por uma moralidade rígida, onde a voz feminina supera o emudecimento, tanto na condição de produtora de texto literário, como de personagem de ficção. (NASCIMENTO, 2009, p. 74).

Dessa forma, Maria Firmina dos Reis contribui de maneira significativa e com maestria para a literatura brasileira e do mesmo modo para a literatura maranhense a partir do modo, singelo, tímido de escrever. Colaborou impecavelmente com os resgates das minorias através de marcas dos discursos afrodescendentes e femininas. São inúmeras as audácias encontradas no romance, e Firmina os aborda de maneira em que todos possam possuir acesso, com uma linguagem singular e autêntica, sendo isto, sua escrita sendo registrada para além do século XIX.

Reis criou um ambiente evolvente adequado e próspero à mulher onde ela é agente participativo da trama e através dele é possível identificar sua condição, sendo esta diretamente ligada ao contexto social. A condição feminina é um tema e problema enfrentado pelas personagens de Reis, tema que motiva, a narração das personagens femininas a apresentar o universo feminino no cenário das narrativas do século XIX, sendo um problema pelo fato de permitir discussões sobre temas que tornam conflitantes o desenrolar das histórias das personagens criadas por Maria Firmina. Esse conflito se apresenta no que chamamos de vozes, ou seja, como cada dessas vozes femininas se comportou diante da permissão dada pela autora durante a narração.

Úrsula é uma obra que trata vigorosamente dos impasses de gênero e também étnicos, no caso, a opressão dos afrodescendentes. Dessa forma, futuramente logo após o surgimento do feminismo, Beauvoir, ao escrever ‘ *O segundo sexo* ’, comenta as afinidades entre os problemas étnicos e de gênero:

Mas há profundas analogias entre a situação das mulheres e a dos negros: umas e outros emancipam-se hoje de um mesmo paternalismo e a casta anteriormente dominadora quer mantê-los em “seu lugar”, isto é, no lugar que escolheu para eles; em ambos os casos, ela se expande em elogios mais ou menos sinceros às virtudes do “bom negro”, de alma inconsciente, infantil e alegre, do negro resignado, da mulher “realmente mulher”, isto é, frívola, pueril, irresponsável, submetida ao homem. (BEAUVOIR, 2000, pp.17-18)

Beauvoir, no trecho acima, compara a explícita uma denúncia a respeito dos mecanismos de dominação de mulheres e negros utilizadas pelas figuras dominantes masculinas e como se percebem semelhanças entre a situação de ambos oprimidos. Para Beauvoir, “não se nasce uma mulher, torna-se uma”, pois afirma que o gênero foi construído culturalmente.

À vista disso, a respeito da relação entre identidade e gênero Butler diz que:

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gêneros da “pessoa” transcenda a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. (BUTLER, 2010, p. 20).

Dessa forma, a autora explica que a noção em estudo não define inteiramente uma pessoa, visto que, ela interage com outras opções de reconhecimento, como os assuntos étnicos e sociais. Resulta-se necessário compreender que o gênero é constituinte da identidade dos sujeitos. A autora Guacira Louro (2014) explicita o conceito de identidade e reafirma a sua complexidade.

Assim, ela cita o conceito de Stuart Hall (2011) em que afirma o como um ser de identidades múltiplas, plurais e que, ainda, não as apresenta de maneira estável ou permanente, pois estão em constante processo de construção, por isso

são descentradas ou, até mesmo, contraditórias. Além disso, “o gênero institui a identidade do sujeito”, como também a etnia, a classe, a nacionalidade, dentre outros. Para tanto, compreende-se que o gênero faz parte do sujeito, constituindo-o.

Louro (2014) fará a diferenciação entre identidade sexuais e identidade de gênero em que frequentemente as confundimos. Para autora as identidades sexuais se constituíram, logo; através das formas como vivem sua sexualidade. Em contrapartida os sujeitos se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim compõem suas identidades de gênero.

Ao falar em identidade e gênero é indispensável demonstrar que esses conceitos possuem significativas complexidade no campo das ciências, essencialmente, por não serem algo definitivo. Como aponta Hall (2011), a identidade é um processo que está em contínua formação, desta maneira contradiz a noção da ideia fixa e de um ser único e centrado porque as relações sociais, bem como as mudanças que acontecem nessas relações entre as pessoas, contribuem para a formação indenitárias de um indivíduo.

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". As partes "femininas" do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (HALL, 2011, p.96-97).

Destarte é concebível notar que em vez de pensar na identidade como algo pronto e finalizado, pode-se entender que diversos fatores vão contribuir para a concepção identitária de um indivíduo. Ademais, tal processo é, diversas vezes, inconsciente, pois processa-se sem que o homem reconheça. Hall, a respeito desse conceito, confirma ainda que:

A identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato –seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (HALL, 2011, p.96-97)

No romance *Úrsula* nota-se que Maria Firmina inclusive compôs personagens que cooperaram para a análise da formação identitária étnica do Brasil colônia no século XIX. Firmina, de maneira ousada, descreve os negros escravizados da narrativa de maneira diferente e unívoca da qual eles eram representados e descritos na época. Eles desempenharam grande importância nos acontecimentos da trama, além de serem construídos com características de lealdade de força e coragem. No entanto, em *Úrsula*, a figura a ser trabalhada e analisada é a feminina negra, branca essa última sendo uma típica heroína romântica.

Na literatura brasileira a figura feminina foi concebida com um perfil multifacetado, modificável e até influenciados e permeáveis pelas condutas de comportamento que a mulher oitocentista necessitaria apropriar-se. As particularidades comumente enaltecidas eram: fragilidade, virgindade, submissão extrema sensibilidade, fidelidade amorosa e maternidade.

Repara-se que a mulher descrita na literatura, muitas vezes, encontra-se à sombra do perfil masculino de herói. Em *Úrsula*, pode-se notar que, as figuras masculinas estão em maior destaque dentro das tramas.

Além do mais, a idealização feminina dentro do romance *Úrsula*, contribui para a formação do perfil da personagem. A protagonista de romântica *Úrsula*, além de belas e idealizadas, são descritas como submissas, no entanto, com atitudes consideradas para a época, transgressoras dentro das obras. A figura masculina era o centro, retratando peculiaridades da sociedade do tipo patriarcalista. No romance em estudo *Úrsula*, ver-se que seu tio Fernando, neta trama, simboliza o papel do homem patriarcal tirano e opressivo.

Sobre a idealização feminina Domício Proença (1995) diz: “A mulher, entre os românticos, aparece convertida em anjo, em figura poderosa, inatingível, capaz de mudar a vida do próprio homem”. Assim, observa-se que a personagem em análise apresenta essa associação à pureza dos anjos ou da natureza.

Em *Úrsula* (1859), Maria Firmina ao descrever a personagem, enfatiza caridade e compaixão presentes na construção da identidade da protagonista. Tais características podem ser demonstradas na passagem:

Úrsula, a mimosa filha de Luísa B..., a flor daquelas solidões, não adormecera um instante. É que agora esse anjo de sublime doçura repartia com seu hóspede os diuturnos cuidados, que dava a sua mãe enferma; e assim duplicadas as suas ocupações sentia fugir-lhe nessa noite o sono. Bela como o primeiro raio de esperança transpunha ela a essa hora mágica da noite o limiar da porta, em cuja câmara debatia-se entre dores e violenta febre o pobre enfermo. (REIS, 2004, p.17).

Nesse trecho, a personagem *Úrsula* demonstra toda a compaixão e passa a dedicar-se a mais um enfermo, além de sua mãe. Tais particularidades revelam uma mulher vista como um “anjo”, pois além de viver somente para os cuidados da enferma mãe, dentro da narrativa, ela é comparada a outra personagem, Adelaide, que representa o seu oposto e que, no início da trama, troca o noivado com Tancredo pelo casamento como pai dele. Esta personagem é caracterizada pela autora como “uma mulher bela e sedutora, dessas que enlouquecem à primeira vista” Reis (1988, p.58), além de ser chamada de monstro, “mulher infame” e perjura, representando, portanto, o “demônio”, uma mulher cruel e sem escrúpulos.

Outro trecho em que se pode apreender a idealização romântica da protagonista *Úrsula* é quando Reis (1988,) a descreve da seguinte maneira: “Ela era tão caridosa... Tão bela..., e tanta compaixão lhe inspirava o sofrimento alheio, que lágrimas de tristeza e de sincero pesar se lhe escaparam dos olhos, negros, formosos e melancólicos.” Assim, demonstra que *Úrsula* é um ser de extraordinária bondade e aquela que se sacrifica por aqueles que estão ao seu redor e ama.

Na narrativa permeia o sentimentalismo, além da problemática do amor “proibido” e da cegueira irracional da paixão. Em *Úrsula* apresenta impedimento na

concretização de seu amor com seu herói e, sendo dessa maneira, ela está determinada a correr todos os riscos para concretizar esse amor, a enfrentar os tormentos, penúrias e medos que esse amor pode ofertar.

Em virtude do desejo pela liberdade de decidir o próprio destino, sem que ditassem o como e com quem ela deveria viver diz bastante a respeito da identidade da personagem mostrando que Úrsula era uma personagem transgressora, pois, ainda que a tenham idealizado um tal qual padrão de mulher e exaltada e esperado no período oitocentista, ela mostrou-se subversiva as condições que eram lhes impostas na sociedade.

Maria Firmina construiu uma personagem que se mostrou transgressora, ou seja, que fugia à regra, pois resolve lutar contra a tirania de seu tio, o vilão da trama. Isso demonstra que, ao fugir, a personagem não aceitava a dominação imposta pelo antagonista Fernando, que queria desposá-la contra a sua vontade, obrigando-a a abandonar o lugar onde vivia para poder ser feliz ao lado do homem que ela escolhera amar. Assim, torna-se evidente a crítica que Maria Firmina faz aos abusos de poder das figuras patriarcais.

A transgressão em Úrsula ocorre quando esta, subordinada a seu tio - assassino de seu pai recusou-se a aceitar tal condição a qual estava forçosamente submetida: a de mulher submissa às vontades do homem. Ainda assim, mesmo com tal transgressão, as personagens em análise apresentaram muitos estereótipos de heroína romântica. Isso é perceptível, pois, por Tancredo, seu amado, a personagem estava disposta a dar a própria vida por ele.

A valorização da identidade feminina no romance dar-se não só pelo ineditismo da escrita feminina, fato que eram poucas as mulheres de letras do século XIX, mais também a forma como apresenta a mulher no romance, essa sendo ágil, ativa e audaciosa, não aceitando as situações que lhes eram impostas.

Em consonância com o contexto em que a mulher estava introduzida e já como explicitado acima, Maria Firmina vivenciou vários percalços por ser uma mulher escritora no período oitocentista. É nesse cenário cultural,

consequentemente, que a autora se coloca como escritora, nesse mundo que imaginava as mulheres da elite como seres destituído de qualquer racionalidade, sendo assim, Firmina destitui a imagem avessa que a mulher mostrava, sendo este avesso da mulher fútil, seria a santa Mãe, a mulher virtuosa, honesta, recatada e submissa aos desejos do marido.

Estando na convivência desses estranhos preceitos, Firmina teve que conviver e pensar como mulher e escritora, uma vez que, o mundo literário era marcado pela figura masculina, diante dessa dicotomia a autora publica seu romance tendo que lidar com esses olhares e, muitas vezes, ser pega na teia desses discursos que de tão repetidos se tornam estereótipos, assim como era comum as demais escritoras do período, inicia seu livro com um pedido de perdão.

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. (...) sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. (REIS, 2004, p.13)

Dessa maneira, Firmina entendia que só a publicação do romance poderia incentivar as demais mulheres a trazerem seus textos à tona, contribuindo assim para a valorização feminina. A escrita e posterior publicação de *Úrsula* era uma forma de provocar e chamar as outras mulheres para a investidura no mundo das letras.

Como a literatura ocupava um espaço relevante no universo cultural do século XIX, e assim mulheres (algumas) letradas tenham buscado se aventurar nesse mundo, escrever versos, publicar romances, colocar-se num espaço que as relegava ao silêncio, sendo dessa maneira uma busca para o que lhes era rejeitado.

Maria Firmina identifica essa problemática e identifica a contrariedade da mulher, mesmo tendo o privilégio de ser letrada, resguarda-se das críticas que possivelmente apareciam usando o recurso da “falsa” modéstia, dizendo que “seu cabedal intelectual era quase nulo”.

Deixai, pois, que a minha Úrsula, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias de arte, caminhe entre vós. Não a desprezeis, antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos para assim dar alento à autora de seus dias, que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir coisa melhor, ou, quando menos, sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós. (REIS, 2004, p.12 e 13)

Dessa maneira, Firmina entendia que só a publicação do romance já poderia encorajar as demais mulheres a trazerem seus textos à tona. Enfim, publicar já é uma ação política. No entanto, dizer apenas isso não basta. É preciso compreender que papéis Maria Firmina criou ao longo do tempo de sua obra além de se ver como escritora, além de chamar as outras mais “ilustradas”, mais “liberais” para o debate.

No texto Firminiano percebe-se três imagens femininas as mães, a mulher angelical e mulher demônio. Entre as mães que a Maria Firmina dos Reis criou, percebemos ao menos duas imagens contrapostas: a mãe plena de felicidade e a *mater-dolorosa*. A primeira pode ser associada a nosso ver, com a África e a maternidade em ambiente de liberdade. A segunda, com a *mater-dolorosa*, a mãe como imagem do sofrimento e da abnegação total, do amor incondicional aos filhos. A imagem divina do padecimento e sofrimento no paraíso que é a maternidade em um contexto que a escravidão.

As outras duas mães simbólicas da *mater-dolorosa* na obra de Maria Firmina, seriam dos protagonistas do romance Úrsula, a mãe de Tancredo aparece, na narrativa, pelas memórias do filho: mãe honesta, boa e virtuosa, que tudo sofreu da tirania do marido em nome do filho, por isso, diz Tancredo:

Não sei por quê; mas nunca pude dedicar a meu pai amor filial que rivalizasse com aquele que sentia por minha mãe, e sabeis por quê? É que entre ele e sua esposa estava colocado o mais despótico poder: meu pai era o tirano de sua mulher; e ela, triste vítima, chorava em silêncio, e resignava-se com sublime brandura. (REIS, 2004, p.39 e 40)

Essa imagem da mãe resignada, da mulher que tudo tolera em função dos filhos retoma a imagem da *mater dolorosa* e da conduta notável da mulher; como aponta o crítico Barreto, ser mãe é um papel a qual “naturalmente” as

mulheres estavam predestinadas no seu meio social. A mãe de Tancredo não foge desse ideal, falece no enredo pela vilania do marido e de outra mulher, Adelaide, que será construída pelo avesso da mulher considerada ideal para os moldes da época.

Adelaide no enredo não era a mãe má. Posto isso, as imagens femininas construídas por Firmina, combinavam-se com aquele discurso que idealizavam o mundo feminino. Ainda que possamos perceber que ao falar de tudo que a mãe de Tancredo padecera nas mãos do marido e da “mulher serpente” Adelaide, essa concepção não foge ao ideário elaborados para as mulheres da época.

Podemos ver outra mãe que aparece na trama é a mãe de Úrsula a Luisa B... Essa mãe era última de todos os tormentos e tristezas, parálitica, dependente da ajuda e dos cuidados da única filha Úrsula. Sua vida é cercada de momentos ruins, viúva de um marido morto pelo seu irmão; vítima do amor incestuoso do irmão e teve, no marido Paulo B.... a quem a desposara ainda mais a ira do comendador, o motivo pelo qual ele pertencia a uma classe social mais baixa. Tendo tudo isso, seu marido mostrara-se um péssimo cônjuge.

Finalmente as construções dessas *maters dolorosas* auxiliam para que se entenda como Maria Firmina registrou as mulheres que embora vivessem resignadas e sofridas, serviram para denunciar a “tirania” à qual as mulheres estavam submetidas: a mãe escrava que vê negada a possibilidade de ser mãe, e as mães mulheres de fazendeiros, de que eram submetidas ao domínio do lar, mas com toda esses sofrimentos narrados, poderia provocar nas mulheres quanto leitoras reflexão e talvez mudança de olhar e atitude sobre as mulheres. Como aponta Roger Chartier.

As fissuras que racham a dominação masculina não assumem todas as formas de dilacerações espetaculares nem se exprimem sempre pela irrupção de um discurso de recusa ou rebelião. Muitas vezes elas nascem dentro do próprio consentimento, reutilizando a linguagem da dominação para fortalecer a insubmissão. (CHARTIER, 2010, P. 109)

Firmina utilizou dos discursos sobre as mulheres em havia no seu universo cultural, que era o maranhão da segunda metade do século XIX, para expor

temas que lhe era espinhoso, como a escravidão e submissão feminina. Entre permanecer nesse estado e a ruptura, Maria Firmina construiu uma obra que revela muito de sua luta contra os preceitos do contexto em que estava inserida.

A segunda imagem feminina presente na trama tida como mulher demônio é a personagem Adelaide, que é o contrário do que a mulher deveria ser na época: casta, pura, ingênua e boa. Adelaide é má, mentirosa, interesseira, ardilosa, movida pelo “interesse, o prazer e a vaidade”. A personagem é construída como antagonista de Úrsula que é santa até no nome, é santa Úrsula, virgem, ingênua, boa.

O amor entre Tancredo e Úrsula é puro, sem sensualidades não carnal um amor angelical entre dois jovens, despertando para o sentimento nobre o amor. Adelaide é o contrário de Úrsula, pela fala de Tancredo. “ Não podia imaginar que, sob as aparências de um anjo, essa pérfida ocultava um coração traidor como o do assassino dos sertões”. (REIS, 2004, p 52).

A mulher como anjo decaído, e demônio que se dissimula sob as faces de um anjo, lobo na pele de cordeiro. Maria Firmina para enaltecer sua virgem, Úrsula a autora recorreu à imagem de mulher do seu tempo, recriando a dicotomia anjo ou demônio. Adelaide é apresentada na obra com as seguintes características: calculista, fria, pérfida, ambiciosa. No momento em que Tancredo é afastado dela pela vontade paterna, que pressiona uma condição para aceitar o casamento inferior do seu filho com Adelaide.

A traiçoeira Adelaide era órfã, agregada e adotada por sua mãe; no intervalo em que estava distante seu pai casara-se com Adelaide, depois da desafortunada morte de sua mãe havia se casado com seu pai. Segundo (Maria Firmina, 2004) “Adelaide é vista no salão da casa adornada por um rico vestido de seda cor de pérolas, e no seio nu ondeava-lhe um precioso colar de brilhantes e pérolas e os cabelos estavam enastrados de não menor valor. ” Sendo apresentada dessa forma, Adelaide é investida por Maria Firmina, de vaidade e luxúria, sendo assim, um contraponto frente à humildade e a castidade. Adelaide é caracterizada como a mulher que se casou com o pai de Tancredo. Tendo a mãe de a adotada, fez a mesma passar por todo tipo de sofrimentos provações e penúrias. A imagem

de Adelaide é construída como criatura menosprezível, que não apresenta traços de bondade, candura e caridade, foi o avesso disso tudo, ingrata e desleal, não retribuindo a beneficência que recebera.

Alguns autores que já se defrontaram com a obra de Maria Firmina principalmente com o romance *Úrsula*, como por exemplos os autores Juliano Carrupt Nascimento, Adriana Barbosa Oliveira e Algemira Macedo Mendes, na construção da imagem feminina, não se concentraram nessa dicotomia feminina, apenas nos avanços, ao denunciar o sofrimento das mulheres em sua obra. No empenho de denunciar e enaltecer o trabalho firminiano, acaba deixando um pouco de lado a imagem negativa da mulher construída por Maria Firmina.

Adelaide uma mulher má, termina levando o pai de Tancredo à decadência, e conseqüentemente seus últimos dias de vida da personagem feminina foram de desgostos, amargura e arrependimento pelas conseqüências de seus atos, podemos observar no trecho em que Maria Firmina (2004), relata as dores da personagem.

“Nesse dia chorava Adelaide suas primeiras lágrimas de dor, porque a opulência, e o fausto não bastavam para lhas estancar. Seu primeiro esposo era já morto, envenenado por acerbos desgostos. Ela ludibriara o decrépito velho, que a roubara ao filho; e ele, em seus momentos de crime, impotente, amaldiçoava a hora em que a amara. Ela depois também chorou, e chorou muito; porque as dores que o céu lhe enviou foram bem graves. Casou segunda vez, e o novo esposo, que não amava a sua deslumbrante beleza, a arrastou de aflição até o desespero. E o remorso, que lhe pungia na alma, aumentava a grandeza das suas mágoas, porque a imagem daquela mulher, que tanto a amara, e cujos dias ela torturou sem piedade até despenhá-la no sepulcro, se lhe erguia melancólica na hora do repouso, e a amaldiçoava. E depois eram já tão amargos os seus dias, que buscou afanosa a morada do descanso e da tranquilidade”. (REIS, 2004, p.139).

Para Adelaide sucede-se a procura da respectiva morte através de um possível suicídio, pois busca de forma trabalhosa, laboriosa, muito triste, a própria morte. Para a mulher má, anjo decaído, foi reservado uma morte dolorosa e procurada pela própria personagem, já que se arrependera dos erros que cometera na vida, pena em vida e em vida paga as dívidas a Deus e aos homens e mulheres de seu tempo. Castigo para a mulher desobediente. O contrário de *Úrsula*, assim como todos os demais personagens morrem ou se matam.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente trabalho cujo tema permeia a valorização da identidade feminina em *Úrsula*, justificou-se pelo motivo de dar ênfase a escrita feminina presente na obra. Podemos destacar a representatividade de Maria Firmina com *Úrsula*, apontado como o primeiro romance escrito por uma mulher brasileira, emancipou contra o preconceito e a subalternização das mulheres e negros no século XIX. Maria Firmina impôs e usou a palavra para dar voz aos excluídos e marginalizados da sociedade, assim como, fez uso da palavra como arma para opor uma situação que vivenciou de forma pessoal e intransferível, mas demonstrável e confessável em tempos de pouca ou nenhuma receptividade as intervenções de mulheres e afrodescendentes.

Destarte, o estudo do gênero na obra em estudo trouxe para a comunidade acadêmica um estudo acerca da autoria feminina e das vozes femininas no trabalho em estudo, onde analisou conjunto de fatores que englobaram fatores ligados à realidade social da época. Sendo assim, Maria Firmina, através de mulheres como Mãe Susana, cria uma voz no feminino que preza a tradição sob o ponto de vista da mulher, iniciando uma onda afro-feminista pela literatura de mulheres escritoras no Brasil. Ao publicar *Úrsula*, Reis rompe e desfaz uma história literária etnocêntrica e masculina até mesmo em suas ramificações afrodescendentes.

Conclui-se que este trabalho monográfico foi de suma importância para conhecer como Maria Firmina constituiu suas personagens no enredo e representou o feminino em um sistema social e cultural moldado pelo patriarcado, o qual, dita padrões comportamentais fixos para homens e mulheres que, quase sempre, tornam-se intransponíveis. Este trabalho monográfico faz-se importante porque amplia e contribui para os próximos trabalhos e pesquisas que surgirem no campo acadêmico

REFERÊNCIAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Instituto de Nacionalidade**. 1873. São Paulo: Agir, 1959.

BORRALHO, José Henrique de Paula; BEZERRA, Nielson Rosa; GALVES, Marcelo Cheche (org.). **Pontos, contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista**. São Luís: Café e Lápis Editora/UEMA/Capes, 2011. p. 175-203.

CAVALLO, Guglielmo. CHARTIER, Roger. **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Editora Ática, 1999

CAPUANO, Mariângela. **A literatura afro-brasileira na sala de aula**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, XI □ Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo, USP, jul. 2008. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/anaisonline/simposios/pdf/009/mariangela_capuano.pdf. Acesso em: 20 dez. 2018.

DUARTE, Eduardo de Assis, **Literatura e Afrodecendência no Brasil**. BH: UFMG, 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 109.

KESSAMIGUIEMON, Vera. A educação da mulher e a produção literária feminina na transição entre os séculos XIX e XX. Teias, Rio de Janeiro, v. 3,n.5,jan./jun.2002.Disponível em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&o=viewFile&path%5B%5D=103&path%5B%5D=104>. Acesso em: 12 dez. 2018.

LETRAS E LINGÜÍSTICA ANPOLL; SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, XII; **SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA**, III, 9-11 out. 2007, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus/Ba. *Anais...* Ilhéus, Ba, 2007. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/ELEUZA%20DIANA%20ALMEIDA%20TAVARES.pdf>. Acesso em: 02 de dez. 2018.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 1990.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Firmina dos Reis. In: MUZART, Z. L. (Org.). **Escritoras Brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000, p. 264- 28.

NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. **O negro e a mulher em Úrsula de Maria Firmina dos Reis**. Rio de Janeiro: Caetés, 2009.

OLIVEIRA, Adriana. **Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

QUEIROZ, Teresinha. **Amélia Bevilacqua e a escrita feminina no Brasil**. In: BORRALHO, José Henrique de Paula; BEZERRA, Nielson Rosa; GALVES, Marcelo Cheche (org.). **Pontos, contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista**. São Luís: Café e Lápis Editora/UEMA/Capes, 2011. p. 175-203.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900

SCOTT, Joan Wallach. **“Gênero: uma categoria útil de estatística”**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul / dez. 1995, pp. 71-99.

SILVA, Régia. **A mente, essa ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão**. *Leitura: Teoria e Prática*, v. 29, n. 56, p. 11-19, 2011. Disponível em: <http://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/52/51>. Acesso em: 20 jan.2013.

TAVARES, Eleuza. **Literatura e História no romance feminino do Brasil no século XIX: Úrsula**. [online]. Associação nacional de pós-graduação em letras e linguística – anpoll; seminário nacional mulher e literatura, seminário internacional mulher e literatura. out. 2007.

TELLES, Norma. **Escritoras, escritas, escrituras**. In: PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.

TIBURI, Marcia. **Feminismos em comum: para todas, todes e todos**. Marcia Tibure. 7ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

VERRÍSSIMO, José. **HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA**. MINISTÉRIO DA CULTURA. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1985.